

Voltamos a Nova York. De pires na mão.

Os representantes dos bancos credores voltam a encontrar-se hoje de manhã em Nova York com os negociadores brasileiros, e vão pressionar para que o Brasil pague os US\$ 2,3 bilhões de juros do mês de setembro. O País já está atrasado no pagamento de juros aos bancos desde julho, num total de US\$ 2,5 bilhões. Na reunião de hoje representam o Brasil o secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore. O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, está em Nova York de passagem para a reunião do FMI em Washington, mas não deverá participar do encontro.

O comitê dos bancos credores é chefiado pelo vice-presidente do Citibank, William Rhodes. Boa parte dos bancos está irritada com a instabilidade do governo Sarney no tratamento da dívida externa, e, segundo uma fonte, dificilmente irão liberar os US\$ 600 milhões que ainda restam do acordo de US\$ 5,2 bilhões acertado há um ano. Em Nova York, ninguém fala em emprestar mais

um dólar ao Brasil.

"Não temos como liberar este dinheiro", diz um banqueiro ao repórter Régis Nestrovski, especial para a **Agência Estado**. Ele reclama que esta última parcela depende de ~~um acordo do Brasil~~ com o FMI e que o acordo assinado há um ano com os bancos não foi cumprido, pois não foram convertidos US\$ 1,8 bilhão em investimentos de risco. "Este governo está furado. É um bando de meninos sem autorização de negociar nada. Aliás, o Brasil não tem governo há cinco anos", protesta o banqueiro.

A revista institucional **Investor** analisa em sua última edição o crédito de 30 países que melhoraram e outros que pioraram. O Brasil faz parte do grupo dos que pioraram, ao lado da China e da Nigéria. A América Latina se aproxima ligeiramente da África, que já perdeu qualquer parâmetro de comparação. Quem melhorou foram as nações asiáticas, além de Chipre, Barbados, Omã e alguns emirados árabes. Os EUA estão em 4º lugar, depois do Japão, Suíça e Alemanha Ocidental, entre os países com melhor crédito.